

SISTEMAS DE ATAQUE 5:1 – INTENÇÕES TÁTICAS

ATTACK SYSTEMS 5:1 - TACTICAL INTENTIONS

MOREIRA, Carlos Henrique Ribeiro

Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física

ASSIS, Fabiano Giroto

Graduado em Licenciatura em Educação Física

RABELO, Fernando Mendes

Bacharel em Educação Física

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo identificar, com base em uma equipe de alto rendimento, os sistemas de ataque e quais as possíveis intenções táticas em uma partida voleibol.

Para isto foi considerado o sistema ofensivo 5:1 como referência para o estudo, tendo em vista ser nos dias atuais o mais empregado no voleibol mundial. Para tanto, utilizaremos, como citação, publicações atualizadas oriundas de periódicos “PUBMED e SCIELO” e de vídeos da FYVB.

Palavras-chave: Voleibol, Sistemas, Ataque, Táticas, Intenções.

ABSTRACT

The present study aimed to identify, based on a high performance team, the attack systems and what are the possible tactical intentions in a volleyball match.

For this reason, the 5: 1 offensive system was considered as a reference for the study, in view of the fact that it is currently the most used in world volleyball. For this purpose, we will use, as a quote, updated publications from “PUBMED and SCIELO” journals and videos from FYVB.

Keywords: Volleyball, Systems, Attack, Tactics, Intentions, Evolution.

INTRODUÇÃO

a) ASPECTOS CRONOLÓGICOS

O voleibol é um esporte praticado no mundo inteiro. Criado no ano de 1895 pelo Professor William Morgan, da ACV – Associação Cristã de Moços em Holyoke, Massachusetts/Estados Unidos (SHONDELL, 2005), sua evolução e desenvolvimento mundial se deu a partir da criação da Federação Internacional de Voleibol nos anos de 1940 (RIBEIRO, 2008).

Além do voleibol ser o segundo esporte mais praticado no Brasil, é um dos mais assistidos nas diversas mídias existentes, diante disso é de suma importância que estudos científicos sejam realizados. Em um levantamento em nossa literatura ficou evidente o baixo número de publicações existentes sob o tema Voleibol, portanto, a importância deste artigo.

A partir da realização do primeiro campeonato Mundial, em 1949, e do ingresso no quadro de esportes olímpicos nos anos de 1964 (Vôlei tornou-se esporte Olímpico em 1957, porém somente nas Olimpíadas de 1964 no Japão foi praticado pela primeira vez como esporte olímpico), o voleibol apresentou uma evolução constante com adaptações e mudanças de sistemas de jogo. Mostrando para o mundo variações de sistemas de ataque e atletas com performances cada mais destacadas nos aspectos técnicos, táticos, físicos e mentais.

Todo este crescimento possibilitou que o voleibol chegasse nas condições atuais, com o jogo sendo realizado com muita velocidade e variações de jogo.

O voleibol é um dos esportes coletivos mais praticados no Brasil e no mundo. Segundo o Atlas do Esporte no Brasil, existem 15 milhões de praticantes de vôlei, sendo considerado a 2ª modalidade mais praticada no país.

b) TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi conduzida como um modelo de estudo exploratório, pois estes se efetuam, normalmente, quando o objetivo é examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não tenha sido abordado antes como o problema que se aponta. Pesquisa exploratória assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. É um levantamento bibliográfico sobre o assunto. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 53).

DESENVOLVIMENTO

a) FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sistema de jogo pode ser definido como a combinação de padrões para a organização estrutural e utilização adequada dos componentes de uma equipe, de forma que se consiga o melhor aproveitamento dos atletas disponíveis, levando em consideração suas características técnicas, físicas, táticas e psicológicas (MACIEL, MORALES e GUARANY, 2010; RIBEIRO, 2004). Está relacionado à distribuição das funções e responsabilidades de cada indivíduo dentro da quadra, que deve ser a mais harmônica e equilibrada possível (BIZZOCCHI, 2004).

b) METODOLOGIA

Baseado no processo de transmissão de conhecimento, a conceituação de palavras importantes se faz necessário. Diante disso, a metodologia é a pesquisa nos periódicos e vídeos da FVVB.

REVISÃO DA LITERATURA

O Voleibol, enquanto jogo desportivo coletivo, marcado por um confronto direto entre um ou mais jogadores (GRECO & CHAGAS, 1992), é considerado um desporto estratégico-tático (BADIN, 1993), uma vez que a compreensão da organização ofensiva das equipes está diretamente relacionada com a compreensão dos conceitos de estratégia (GENSON & GIANTOMMASO, 1988) e de tática (FRÖHNER & ZIMMERMANN, 1992).

Sistema

“Do latim Systema. Um sistema é um conjunto ordenado de elementos que se encontram interligados e que interagem entre si”.

<https://conceito.de/sistema>

Intenção

“Aquilo que uma pessoa espera que aconteça; vontade. O que se pretende fazer; propósito: não sabia de suas intenções. O que se almeja; o que se busca; desejo: sua intenção era brigar.”

<https://www.dicio.com.br/intencao/>

Tática

“Tática é conhecido como o conjunto de métodos utilizados para conseguir a realização de um objetivo.”

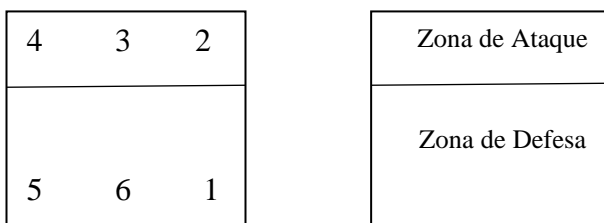
<https://queconceito.com.br/tatica>

Na área do treinamento desportivo, a análise técnica e tática é uma ferramenta indispensável para aperfeiçoar o desempenho de uma equipe, seja ela de qualquer esporte. Dentro do voleibol, as ações individuais e coletivas de um jogo podem ser determinantes para o sucesso da equipe em uma partida ou até mesmo uma competição. (FERNANDES, 2013)

O voleibol atual evidencia sua evolução de forma expressiva, e tal evolução só pode ser entendida delineando sua trajetória ao longo do tempo, isto é, compreendendo seu percurso histórico-evolutivo. O desenvolvimento do esporte e a progressão do nível de jogo fundamentam-se exclusivamente pelas contribuições dos países e equipes que tem dominado o cenário do voleibol mundial ao longo dos anos, trazendo inovações e novos sistemas de jogo, dinamizando o esporte e criando um novo estilo de jogo (CUNHA, 1998).

Assim, com intuito de esclarecer aos não iniciados em voleibol, apresentamos a numeração e a divisão das zonas da quadra, que têm como finalidade orientar os atletas e árbitros dentro desta. Este conhecimento é necessário, já que, de acordo com a regra oficial deste esporte, um jogador da zona de trás pode completar um ataque na zona da frente, porém, no seu impulso, o(s) pé(s) do jogador não pode(m) tocar ou ultrapassar a linha de ataque.

Diagrama 1: posição dos jogadores e zonas da quadra de voleibol



Para Zhelezniak²⁸ os sistemas táticos de ataque têm como fundamento a quantidade de levantadores, assim, foram denominados entre outras formas como: 3 x 3; 6 x 6; 4 x 2 e 5 x 1, os primeiros números designam o número de atacantes e os segundos os levantadores. Cumpre chamar a atenção para o sistema 5 x 1, o único dos citados no qual existe somente um levantador.

SISTEMA 5 X 1

- Muito utilizado por equipes de alto rendimento;
- É jogado por cinco atacantes com funções específicas e apenas um levantador;
- O levantador possui muita responsabilidade no jogo, pois a grande maioria das bolas deverão passar por suas mãos;
- O levantador deve ser um *expert* na sua posição, ter ótima visão de jogo, conhecer seus atacantes e principalmente as fraquezas da equipe adversária (leitura de jogo); e
- É considerado um sistema muito mais ofensivo, pois possibilita muitas combinações de ataque.

Tradicionalmente, distingue-se estratégia de tática uma vez que a primeira está associada à concepção e a segunda à execução (PARLEBAS, 1981), apesar de concorrerem ambas para o mesmo fim (GARGANTA & OLIVEIRA, 1996).

A tática é entendida como o conjunto de normas, comportamentos individuais e coletivos, com o objetivo de realizar uma prestação com sucesso a partir da contribuição ativa e consciente durante o jogo (MATVEIEV, 1986; MORENO, 1998). Na atualidade a tática é conotada como a gestão inteligente do comportamento nas situações de conflitualidade (GARGANTA, 1997).

O jogo não oferece, de forma espontânea, as soluções aos jogadores para os problemas que lhes coloca. Assim, a qualidade do jogo reclama dos jogadores comportamentos inteligentes. A inteligência é entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, e a capacidade de elaborar e realizar respostas ajustadas aos problemas colocados pelas situações imprevistas que vão sucedendo ao longo do jogo (PITTERA & RIVA, 1982; KONZAG, 1991; GARGANTA, 1995; BARBANTI, 1997; HIPPOLYTE, 1997).

Com o intuito de compreender as ações táticas, no ambiente real em que ocorre, utiliza-se a Análise de Jogo (ou Análise Notacional), usada tanto no meio acadêmico (científico) das Ciências do Esporte como nas práxis do Treinamento Esportivo. Mediante a Análise de Jogo é possível estabelecer planos táticos embasados pelo acesso e interpretação das informações previamente recolhidas, podendo com isso elaborar treinos para o aperfeiçoamento tático individual e coletivo, ou desenvolver no treino estratégias de jogo de acordo com a característica do adversário. A Análise de Jogo nos jogos desportivos coletivos é empregada desde os anos 30 do século XX e está presente hoje em todas as modalidades,

seja por meio da tecnologia avançada (softwares: Amisco, Data Project, Simi Scout,...) ou pelo simples uso do papel e caneta (GARGANTA, 2001; MATIAS; GRECO, 2009).

No voleibol a decisão ofensiva dos atletas é determinante no resultado de uma partida (MESQUITA, 2000). Trabalhos científicos relativos à Análise de Jogo investigam a ação ofensiva no voleibol de modo direto (CÉSAR; MESQUITA, 2006; COSTA et al., 2010), indireto - de modo sistêmico (UREÑA, 2000; PALAO; UREÑA, 2004), comparativo (MARCELINO et al., 2010) e sistêmico (RAMOS et al., 2004; MATIAS; GRECO, 2011a; COSTA et al., 2011) .

RESULTADO E DISCUSSÃO

No voleibol atual, a maior parte das equipes consideradas de alto rendimento utilizam o sistema de jogo 5 x 1. Esta proposta de jogo é baseada na formação que conta com apenas um levantador e cinco atacantes. O alto grau de especialização é a principal característica deste sistema, o que proporciona à equipe uma estrutura mais veloz e precisa no desenrolar do jogo, além de um maior sincronismo nas jogadas ofensivas (MILISTETD *et al.*, 2009). Assim, os seus componentes devem ser capazes de executar diferentes ações inerentes às responsabilidades das funções que exercem na equipe (BOJIKIAN, 2005; BIZZOCCHI, 2004).

As referidas intenções de ataque deverão sempre ser definidas mediante análise da característica individual e coletiva do adversário, inclusive já relatado em outros momentos neste artigo.

Considerando que a posição onde se encontra o levantador é que serve de orientação para identificar em qual posição na quadra a equipe se encontra, criamos logo abaixo seis (06) figuras denominadas de P1, P2, P3, P4, P5 e P6. Observando as características do adversário criamos duas opções de jogadas em cada figura.

Neste quadro apresentamos a identificação dos jogadores, por posição, e as características do adversário que deve ser analisado.

Equipe Local	Equipe Visitante (Adversário)
L =Levantador (Diagonal do Oposto)	L = (Baixo)
C2 =Central 2 (Joga longe do Levantador)	C2 = (Bloqueio Alto, porém lento)
P1 =Ponteiro 1 (Joga ao lado do Levantador)	P1 = (Bloqueio Alto e rápido)

OP =Oposto (Diagonal do Levantador)	OP =(Bloqueio Alto e rápido)
C1 =Central 1 (Joga ao lado do Levantador)	C1 =(Bloqueio Alto e rápido)
P2 =Ponteiro 2 (Joga longe do Levantador)	P2 = (Bloqueio Alto e rápido)
LI = Líbero	LI = Líbero

Utilizando as informações que temos sobre as características do adversário (Quadro acima), criamos duas opções de jogada por quadra (Seis figuras, abaixo), sempre tentando explorar as limitações dos jogadores adversários. Lembrando que a equipe adversária está em cor preta e a equipe posicionada estrategicamente para o ataque é a equipe em vermelho, sendo que o líbero está representado na cor amarelo nas duas equipes.



Figura 1



Figura 2

Analisando a Figura 1, com **L**, na Posição P1.

Setas amarelas:

- **C2** ataca bola metro (sete), **OP** ataca na entrada de rede, **P1** ataca pela saída de rede, **P2** ataca pelo fundo meio (Pipe).
- Objetivo: tirar o central adversário do centro da quadra, aumentando a distância a ser percorrida por ele até a saída de rede para bloquear o ponteiro, criar dificuldade para o central adversário com uma bola para a entrada da rede, sobreposta ao central: Tirar o central do meio da rede, liberando espaço para o ataque do fundo meio (Pipe), realizado pelo **P2** do fundo da quadra.

Alternativa – Setas verdes:

- Mantida a mesma estrutura de ataque, apenas aproxima-se o **C2** do levantador com objetivo de aumentar a distância de deslocamento para o central bloqueador até a entrada de rede; criar dificuldade para central adversário com uma bola sobreposta com o ataque fundo meio (Pipe).

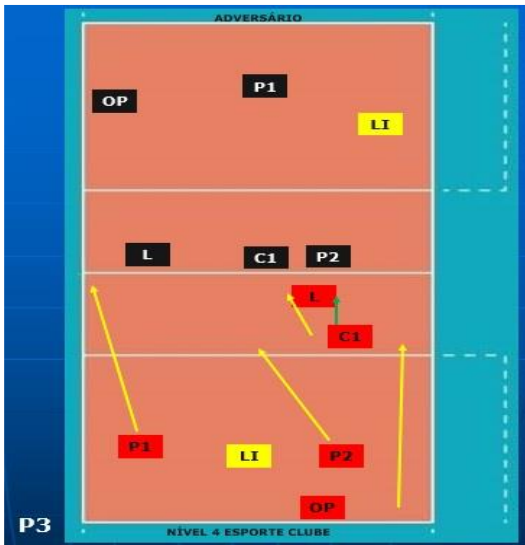


Figura 3

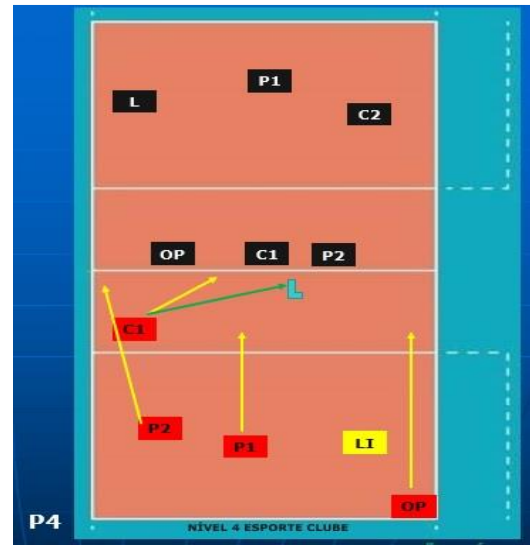


Figura 4



Figura 5



Figura 6

Para que se possa entender as outras 5 posições (Figuras), é importante termos em mente o plano de ação (Objetivo) nesta situação fictícia criada acima. Temos como objetivo (Plano de ação):

- Explorar o bloqueio baixo do levantador (L);
- Tirar o central lento (C2) do centro da rede, aumentando a distância a ser percorrida por ele;
- Dificultar o trabalho do central rápido (C1) quando estiver na rede, criando bolas sobrepostas, na tentativa de desequilibrá-lo e jogar na maior distância, aumentando a área a ser percorrida por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respeitando os nossos estudos e citações, afirmamos que no voleibol de alto rendimento atual o sistema de jogo utilizado é o 5x1, pelas variações que o mesmo possibilita. Junta-se a isso, o grande desenvolvimento físico dos atletas, atendendo a todas as opções de jogo permitidas pelo sistema 5x1. Por possibilitar muitas variações de ataque, tornou-se complexo e detalhado o estudo das equipes adversárias na preparação para o jogo de qualquer equipe. Daí a relevância do departamento de estatística nas equipes.

Na prática, a preparação do sistema de ataque que engloba linha de passe, distribuição de bola e ação de ataque propriamente dita de qualquer equipe, deve iniciar no pré-jogo, com o estudo detalhado das características do sistema defensivo da equipe adversária, que envolve o bloqueio e a defesa. Este estudo costuma ser de responsabilidade e iniciativa das comissões técnicas, que prepara o material a ser passado para os atletas. Mais especificamente para os levantadores que são os responsáveis por pensar e coordenar as ações de ataque dentro de quadra.

É importante que os levantadores sejam envolvidos e comprometidos nesta preparação. Fundamental que o treinador leve em consideração as características dos seus atletas para que seja possível colocar em prática o plano de ação, que exista cumplicidade entre treinador e levantador, pois é ancorado nesta relação de cumplicidade que deverá ser definido o plano de ação. Plano este que pode variar entre a liberdade total do levantador nas decisões de quadra, uma mescla entre orientações vindas do treinador e decisões autônomas do levantador, ou até uma situação mais autoritária imposta pelo treinador que coordena todas as ações do levantador.

Concluimos que o voleibol é um esporte que depende cada vez mais dos detalhes, que exige sincronia na execução das ações individuais e coletivas planejadas.

REFERÊNCIAS

1. BADIN, J. (1993): Tactical training of team and player. In *Volley Tech*, (4):12-19.
2. BARBANTI, V.J. (1997): Teoria e prática do treinamento esportivo. Edgard Blucher, Ltda. Brasil.
3. BIZZOCHI, C. C. *O voleibol de alto nível: da iniciação à competição*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.
4. BOJIKIAN, J. C. M. Voleibol atual: especialização ou universalidade. *Revista do Vôlei*, São Paulo, v.2, n. 3, p. 4-6, 2005.
5. CÉSAR, B; MESQUITA, I. Caracterização do ataque do jogador oposto em função do complexo do jogo, do tempo e do efeito do ataque: estudo aplicado no voleibol feminino de elite. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.20. n. 1, p. 59-69. 2006
6. COSTA, G; MESQUITA, I; GRECO, P. J; FERREIRA, N. N; MORAES, J. C. Relação entre o tempo, o tipo e o efeito do ataque no Voleibol masculino juvenil de alto nível competitivo. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, v.12, n.6. p.428-434, 2010.
7. COSTA, G; MESQUITA, I; GRECO, P. J; FERREIRA, N. N; MORAES, J. C. Relação saque, recepção e ataque no voleibol juvenil masculino. *Motriz*, v. 17, n.1. p. 11-8, 2011.
8. CUNHA, P. (1998). Tendências evolutivas do voleibol. In: *Manual de treinadores – Volume II*. Federação Portuguesa de Voleibol.
9. FERNANDES, G. J. Análise Técnico-Tática do ataque de uma equipe de voleibol feminina de alto nível. Trabalho de conclusão de curso. UTFP. Curitiba, 2013.
10. FRÖHNER, B. & ZIMMERMANN, B. (1992): The status of attack in top Volleyball. In *International Volley Tech*, 1: 11-19.
11. GARGANTA, J. (1995): Modelação da dimensão tática do jogo de futebol. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto. Universidade de Coimbra.
12. GRECO, P. & CHAGAS, J. (1992): Considerações teóricas da tática nos Jogos Desportivos Coletivos. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 6 (2), Jul./Dez.
13. GENSON, M. & GIANTOMMASO, G. (1988): *Volley-Ball*. Ed. Axone, Montpellier.

14. HIPPOLYTE, R. (1997): Concepts behind the art of the dynamic modern offence. In *The Coach*, 2/97: 4-7. FIVB.
15. KONZAG, I. (1991): A formação Técnico-Táctica nos Jogos 88 Desportivos Colectivos. *Treino Desportivo*, 19:27-37.
16. MATIAS, C.J.A.S.; GRECO, P.J. Análise de jogo nos esportes coletivos: a exemplo do voleibol. *Revista Pensar a Prática*, v.12, n.3, p.1-15, 2009.
17. MATIAS, J. A. S; GRECO, P. J. De Morgan ao Voleibol Moderno: O sucesso do Brasil e a Relevância do Levantador. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v.10, n.2, p.40-63, 2011b.
18. MATVEIEV, L. (1986): Fundamentos do treino desportivo. Livros Horizonte. Lisboa.
19. MACIEL, R. N.; MORALES, A. P.; GUARANY, C. E. B. L. Comparação do tempo de reação simples entre atacantes centrais e atacantes opostos de voleibol adulto masculino. *The FIEP Bulletin*, v.3, 2010.
20. MILISTETD, M.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J.; SOUZA SOBRINHO, A. A concepção de treinadores experts brasileiros acerca do processo de especialização funcional na formação desportiva a longo prazo do jogador de voleibol. *Revista da Educação Física/UEM*, v.20, n.2, 2.trim. 2009.
21. MORENO, J.H. (1998): Análisis de las estructuras dei juego deportivo. Publ. IND. Barcelona.
22. PARLEBAS, P. (1981): Contribution à un lexique commenté en science de l'action motrice. Insep (eds.). Paris.
23. PITTERA, C. & RIVA, C. (1982): Pallavolo - dentro il movimento. Tringale Ed. Torino.
24. PRODANOV, C. C.; FREITAS E. C. Metodologia do Trabalho Científico: Método e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
25. RIBEIRO, J. L. S. Conhecendo o Voleibol. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
26. SHONDELL, D. S. A bíblia do treinador de voleibol. Tradução de Silvia Zanete Guimarães. Porto Alegre: Artmed, 2005.
27. UREÑA, A; SANTOS, J. A.; MARTÍNEZ, M.; CALVO, R.; OÑA, A. La facilitación defensiva através del saque en el voleibol femenino de alto nível. *Revista Motricidade*, v.6, p.175-189, 2000.
28. ZHELEZNIK, Y.D. Voleibol. Barcelona: Editorial Paidotribo; sd.